

# ESCOLA BÁSICA DOS 2º E 3º CICLOS DA TORRE, CÂMARA DE LOBOS

## FOLHETIM SEMANAL

### QUANDO O AMOR ACONTECE

- Romance -

1.

#### CAROLINA, UMA MULHER SOLITÁRIA

Carolina era uma mulher que, embora ainda jovem, já tinha passado por alguns momentos menos bons na vida, o que contribuía para que ostentasse uma atitude demasiado recolhida em si própria e até mesmo tímida e austera, ocultando a sua faceta de mulher liberta de preconceitos e autónoma, que realmente era, com a profissão que escolhera por gosto, além de sensível e sonhadora, no campo do amor. Mas, como tudo o que acontece na vida, não era por acaso o seu comportamento, perante as situações que se lhe deparavam, sobretudo no amor: embora relativamente jovem, já passara por um divórcio. Mas não era o divórcio que lhe arrasara os seus sonhos, mas sim a destruição que ele lhe causara, naquilo que, para ela, lhe tocava o sagrado: uma vida a dois, onde a lealdade, a cumplicidade, a partilha, a entrega, o amor, o carinho, predominassem, ou seja, uma verdadeira união; uma verdadeira família.

Para ela, a família era a base de uma relação sólida, que servia de equilíbrio para as restantes situações na vida; para ela, a família era como se fosse um verdadeiro clã, com quem partilhava os bons momentos e se sentia protegida nas situações mais difíceis de ultrapassar e isso notava-se pelas fotos que preenchiam as paredes da casa onde vivia, à semelhança do que acontecia na velha casa dos seus pais, onde, desde os bisavós, os avós, passando pelos pais e irmãos, todos tinham o seu lugar nas paredes ou nos móveis.

Carolina era professora, profissão que exercia com alma e coração, além de cultivar o gosto pela escrita, tendo já alguns livros publicados, entre poesia e a prosa. Mas isso não colmatava o vazio que lhe tinha deixado o casamento fracassado. O que lhe trazia todo o consolo era o filho que se tornara na maior riqueza que tinha na vida, amando-o acima de tudo; não concebia a sua vida sem ele. Por vezes, dava consigo a sonhar com o filho já casado, mas vivendo lá em casa, com um casamento sólido e feliz; para completar o quadro edílico, um rancho de netos para ela ajudar a cuidar, não interferindo, claro, no papel reservado aos pais. Mas não conseguia deixar de imaginar os mimos que lhes faria ou não tivesse a atitude dos seus avós como exemplo.

Carolina, sem dar por isso, ansiava por ver concretizada, através do filho, a felicidade que não tivera no seu casamento; aliás, da sua relação conjugal, por mais que a revivesse pela memória, eram poucos os momentos de felicidade para lembrar; pouca sorte a sua: não encontrara ninguém que respeitasse a sua profissão em simultâneo com a “mania” dos livros; os que lia e os que escrevia. Tarde de mais se apercebera que, no casamento que tivera, o papel que lhe estava reservado era o de esposa e de mãe. Também tarde de mais se

apercebera que o seu papel era o de estar sempre bonita e cheirosa, além de predisposta a satisfazer o seu parceiro, pois das tarefas domésticas tratava a empregada; ficava a cargo de Carolina supervisionar as tarefas da casa, como se fosse uma governanta e ser uma anfitriã sempre preparada para receber quem quer que o companheiro levasse a casa, o que Carolina fazia com presteza e simpatia, pois gostava de conviver e, apesar de licenciada, respeitava toda a gente, o que não se passava com o marido, pois quanto às suas amizades, Carolina preferia usufruir da sua companhia em horas que o companheiro não estivesse, evitando assim o rol de críticas do parceiro, já que, para ele, só o “Dr.” Valia.

Divorciar-se, para Carolina, representou a sua libertação e a ascensão do seu verdadeiro “eu”; continuava com a profissão que adorava e a escrever os seus livros livremente, não descurando, no entanto, o seu papel de mãe. Com a separação, Carolina é que saiu de casa, deixando tudo para trás, trocando o luxuoso apartamento em que vivera, por um apartamento mais pequeno, mas sempre salvaguardando o seu espaço e o do filho, de modo a terem a sua privacidade. Também prescindira de empregada para todos os dias, já que o apartamento era fácil de limpar. Mas, embora divorciada, sentia sempre a nostalgia de quem não encontrou o verdadeiro amor, o verdadeiro companheiro e amigo que a respeitasse e a aceitasse como era, não só como professora, mas também como escritora.

Comoveu-se quando os pais comemoraram as bodas de ouro e, interiormente, pediu a Deus que pusesse no seu caminho alguém que a fizesse feliz, como os seus pais eram. Adorava a forma como o seu pai adorava a sua mãe; aliás, já com os avós era assim: havia um respeito, uma ternura, uma cumplicidade como se, tanto a mãe como a avó, de preciosidades se tratassem. Para o pai, o que a mãe decidisse, estava sempre bem, embora nas decisões importantes, se reunissem os pais e os avós, para decidirem o que fazer. Tudo era resolvido em família, sem críticas, sem acusações desnecessárias que não levavam a nada.

Carolina simplesmente adorava os avós, principalmente os avós paternos, pois os pais, quando casaram, ficaram a viver lá em casa, que era suficientemente grande, havendo espaço para todos. Adorava a forma como o avô tratava a avó; apesar da idade, ainda se amavam e nem o avô nem a avó se inibiam de se tratarem mutuamente por meu amor, meu querido ou minha querida, ou mesmo, meu anjo. Com os seus pais também era assim. O pai seguia o avô de bem perto, na forma como tratava a mãe. Só Carolina, apesar de mais jovem e de outra geração, não tivera no seu casamento um companheiro que a tratasse por meu amor, minha querida, nem ouvira a palavra que tanto ambicionava ouvir: amo-te.

Certa vez, Carolina perguntou ao marido se a amava; a resposta foi: sabes bem que gosto de ti. – Mas a palavra “amor” nunca tivera lugar no seu casamento. Aliás, no seu casamento falhara muita coisa: Carolina entregara-se totalmente na relação a dois; para si era habitual tratar o companheiro por “meu amor” ou “meu querido”, embora nunca recebesse esse tratamento de volta. Daí a sua mágoa, a sua desilusão. Devido à educação que tivera, Carolina tornara-se numa mulher muito meiga, educando o filho da mesma maneira, tendo ele bons exemplos nos avós e bisavós.

Os anos foram passando e o filho de Carolina atingira a maioridade e, conseqüentemente, já namorava; e Carolina ficava feliz quando, nas suas conversas ao telemóvel ouvia as expressões: meu amor, minha querida; isso simplesmente queria dizer que com ele continuava a tradição da mútua entrega sem preconceitos e, incluindo a meiguice Raúl, era esse o nome do filho de Carolina, estava na Universidade a frequentar o Curso de Psicologia Clínica; a namorada também. Carolina achava que, pelo feitio meigo e atencioso que tinha, Raúl estava no curso certo, vindo a ser um bom profissional de saúde.

O pai de Carolina também era médico e, pela fama que corria, era dos bons. Nunca deixara um doente sem consulta pela falta de dinheiro. Os seus utentes simplesmente adoravam-no, pela bondade e pela competência. A mãe de Carolina era Educadora de Infância, embora já reformada. A avó também tinha sido professora. Um dia, num domingo, Carolina, como de costume, foi almoçar com a família, pois era da praxe reunirem-se na velha casa. Também, como de costume, o pai de Carolina convidara colegas para o almoço. Ora, entre eles, havia um que chamara a atenção de Carolina, não só pelo seu charme, como também pela simpatia e mais, tinha muito jeito para cozinhar, estando a ajudar a empregada a assar a carne, pois o almoço, entre outros manjares, incluía a espetada.

O pai de Carolina, todo satisfeito com o mal disfarçado interesse da filha, segredou-lhe que, além de médico, também era divorciado, tendo uma filha na Universidade a estudar Medicina. Depois das apresentações, Hugo, era esse o nome do médico charmoso, não conseguia disfarçar o seu interesse, não tirando os olhos dela. O pai de Carolina, encantado com a situação, fê-los sentarem-se lado a lado, à mesa, na hora de almoçar. Como um cavalheiro, Hugo fez questão de servir Carolina, o que a deixou encantada, pois nunca tinha sido tratada assim. E para completa satisfação, ele confessou-lhe o seu interesse por ela, convidando-a para jantar. Carolina, cansada da relação conjugal que tivera, vendo que Hugo era diferente, aceitou. A empatia entre os dois era bem visível e os interesses em comum também.

Desde o divórcio, Carolina não saía com ninguém, pois considerava que, pelas experiências que passara, o melhor era continuar sozinha, entre as suas aulas e os livros. Agora, a vida envolvia-a novamente numa situação que, ao mesmo tempo que a fascinava, também a deixava apreensiva, quanto ao desenrolar dos acontecimentos. O tempo passou num ápice até ao momento em que Hugo veio buscá-la à porta de casa. Carolina caprichara, não só com a roupa, mas também com os cabelos, usando-os soltos, secando-os de modo a tirar partido da ondulação natural. Tinha-os compridos, castanhos com reflexos vermelhos, o que lhe ficava muito bem com o seu tom de pele.

Quando Hugo a viu, julgou tratar-se de uma aparição, vestida de branco e cabelos soltos, tocados pela brisa do fim da tarde. Hugo saiu do carro, abrindo a porta para ela entrar e sentar-se ao seu lado. Em seguida, depositou-lhe, no colo, um ramo de rosas vermelhas e uma caixa de chocolates, dizendo que ela estava linda. Carolina estava emocionada com o comportamento dele, pois achava que isso só acontecia nos filmes. Ele, muito meigo, disse-lhe que, se ela lhe desse uma oportunidade, mostrar-lhe-ia como os homens nem todos eram iguais e que, para ele, ela seria a sua princesa. Carolina só pediu que ele não a magoasse mais

do que ela já tinha sido. Ele acalmou-a, dizendo que o tempo mostrar-lhe-ia que ainda valia a pena lutar para ser feliz. Levou-a a um lugar, onde pudessem dançar, depois de jantarem. Carolina estava encantada com Hugo.

Para Carolina, era tão fácil e interessante lidar com ele, pois sabia opinar um pouco sobre tudo, achando fascinante o facto de Carolina escrever, para além da sua profissão que ele admirava. Carolina confessou que, o que para ele era extraordinário, quanto à sua escrita, era algo aberrante para o parceiro que tivera, tendo de escrever longe da presença dele, pois não via com bons olhos o facto de ela escrever. Ele retorquiu que isso eram atitudes próprias de mentes distorcidas, que não sabiam valorizar o que realmente tinha valor.

Sem querer, Carolina comparava constantemente o procedimento de Hugo com a conduta do parceiro que tivera. Não havia comparação possível, nem mesmo no princípio, quando tudo, geralmente, é um mar de rosas. Com Hugo, pelo menos, o princípio parecia uma cena retirada de um conto de fadas e isso ninguém lhe podia tirar. Hugo escolheu um bom vinho para a ocasião. Fez questão de brindar a um futuro promissor e à verdadeira felicidade, acrescentando que a vida seria aquilo que fizessem dela. Terminado o jantar, tomaram um vinho madeira como digestivo. Carolina vivia um sonho e interiormente pedia a Deus que não terminasse tão cedo e que se repetisse outras vezes.

A certa altura, Hugo, pegando na mão de Carolina, beijou-a, sem pressas, convidando-a para dançar. O ambiente era seletivo e a música apropriada para espreitar as emoções, demasiado contidas, de Carolina. Quanto a Hugo, prometera a si próprio proporcionar a Carolina o que lhe havia sido negado anteriormente. Levando-a pela mão até à pista de dança, envolveu-a nos braços, aconchegando-a a si, de modo a que os seus corpos unidos, se movimentassem numa verdadeira sintonia. Carolina deixou-se ir: precisava tanto de se sentir querida, que não recuou, quando Hugo a apertou um pouco mais nos seus braços e, beijando-lhe os cabelos, a testa, o rosto, segurou-lhe no queixo, depositando-lhe nos lábios beijos quentes e húmidos. Como Carolina continuava de olhos fechados, saboreando o momento, Hugo voltou aos lábios e, abriu-os devagar com a língua, num beijo longo e profundo.

Vendo que Carolina correspondia, apertou-a fortemente nos braços, continuando a beijá-la profundamente, sussurrando palavras carinhosas ao ouvido, palavras que ela sempre sonhara ouvir, mas que sempre lhe tinham sido negadas. Após a magia do momento, Hugo propôs a Carolina caminharem um pouco, de modo a usufruírem da noite tão bonita e prolongarem toda a magia que a noite lhes podia proporcionar. Caminharam de mãos dadas, contando um ao outro o que é que lhes tinha corrido mal nas suas anteriores relações. Hugo chegou à conclusão que, tanto ele como Carolina, sensíveis como eram, tinham calhado com pessoas frias e calculistas, que só gostavam de receber, mas quanto a partilhar, nada, além de não respeitarem o gosto do cônjuge.

No caso de Carolina, era a escrita e até a própria profissão, porque, como era professora, não era valorizada. Hugo propôs a Carolina saírem mais vezes, pois ele não abdicava da companhia dela e, até ao momento, não tinha encontrado ninguém como ela; Carolina aceitou, pois também vivia muito só e, desde a sua separação, não encontraram ninguém, em

quem pudesse confiar. Além disso, saíra com Hugo, por ser colega do pai, que lhe tinha dado boas informações dele. Entretanto, Hugo levou Carolina a casa. Durante a viagem, ele não se inibia de lhe fazer meiguices, acariciando-lhe os cabelos, beijando-lhe a mão, fazendo-lhe carícias no rosto, enquanto conversavam. Por fim, chegavam a casa de Carolina; ela foi direta e frontal, dizendo que não o convidava para ir lá a casa, pois, carentes como estavam, acabariam na cama. Não era que ela não o desejasse, mas precisava de tempo para gerir os seus sentimentos e a própria situação.

Preferia namorar um pouco, antes de irem mais além. Ele concordou. Trocaram os números de telemóvel e o e-mail. Despediram-se com um beijo longo e profundo. Hugo, num sussurro meigo, abraçando Carolina, diz-lhe: fica bem, minha querida. Estou a apaixonar-me por ti. E acrescentou: não te esqueças que és muito especial para mim. Amanhã telefono-te. Depois de mais um beijo, Carolina entra no prédio onde vivia, enquanto Hugo se dirige para o carro. Carolina emocionada, relembra o abraço de despedida que ele lhe dera e as suas palavras: “minha querida”. Hugo proporcionara-lhe, numa noite, o que ela não tivera em todo o tempo de casada.

Já deitada, recebe uma mensagem pelo telemóvel: dorme bem, meu anjo... estou louco por ti! Ao que ela respondeu: bons sonhos; obrigada por esta noite e pelas outras que virão. Um beijo grande! – lá fora, a noite, cúmplice do despertar de desejos adormecidos e a lua no raiar da madrugada.